

Crise afeta mais a classe alta, aponta estudo

(Não Assinado)

FATIA C É POUADA

Rio. A crise atingiu em cheio a classe de renda AB e poupou a C, tida como a classe média brasileira pela FGV (Fundação Getúlio Vargas). A cada 100 pessoas que estavam na classe AB nas seis maiores metrópoles do país em 2007, 81 permaneceram no mesmo estrato de janeiro a setembro de 2008. De outubro a dezembro, quando a turbulência se instalou com mais força, esse número caiu para 75 pessoas.

Ou seja, 6 pessoas migraram nesse período para outro estrato social mais baixo. Já a classe média foi poupada e 81 pessoas permaneceram, tanto entre janeiro e setembro como entre outubro e dezembro, na faixa C de rendimento.

Desde 2004, historicamente cerca de 80 a cada 100 pessoas se mantêm na classe AB de um ano para o outro, número que caiu para a faixa de 75 após a crise, segundo o estudo da FGV batizado 'Crônica de uma Crise Anunciada: Choques Externos e a Nova Classe Média'. 'Essa é uma crise contra os ricos e pró-pobres tanto em termos de países como de pessoas', disse Marcelo Neri, diretor do Centro de Políticas Sociais da FGV e autor do estudo.

Segundo ele, o rendimento cresceu mais nas faixas de menor renda, o que contribuiu para essa realidade. E afetou mais os mais ricos também porque eles tinham aplicações financeiras e estão empregados em ramos afetados primeiro pela crise, como a indústria.

Ao olhar o fechamento do ano de 2008 e um intervalo mais longo de tempo, porém, a classe AB ainda ganhou participação no total da população. Passou de 10,66% em dezembro de 2003 para 15,33% para dezembro de 2008. Já a classe C avançou de 42,99% para 53,81% nesse mesmo período.

Se cresceu o peso dos mais ricos, necessariamente as classes D e E perderam espaço na estrutura socioeconômica. A D passou de 16,41% em dezembro de 2003 para 13,18% em dezembro de 2008. Já na E, a participação cedeu de 29,95% para 17,68% nesse período.